



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E FILOSOFIA - DCHF  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JÁZIA PAULO DE QUEIROZ CARVALHO**

**“CULTURA SE FAZ” - BAIXA GRANDE: PONTO DE CULTURA E  
CULTURA NEGRA (2009-2015)**

**FEIRA DE SANTANA- BA  
2023**

**JÁZIA PAULO DE QUEIROZ CARVALHO**

**“CULTURA SE FAZ” - BAIXA GRANDE: PONTO DE CULTURA E CULTURA  
NEGRA (2009-2015)**

Trabalho apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História. Sob orientação da Professora Doutora Adriana Dantas Reis

## AGRADECIMENTOS

Sem dúvidas durante todos esses anos de graduação na UEFS essa parte “agradecimentos” era a mais esperada. Acredito que tudo tem o seu porquê, tudo tem à sua maneira de acontecer, por isso, acreditando que existe uma força muito superior a nós, a quem chamo de Deus, quero agradecer a essa força que por muitas vezes duvidei ser capaz de conseguir concluir o curso.

Agradeço à minha mainha, Maria Luiza Paulo de Queiroz Carvalho, que encarou a difícil missão de cuidar de mim e de meu irmão, Samuel Paulo de Queiroz Carvalho quando nosso pai Romildo Sena de Carvalho faleceu nos deixando, eu com 5 anos e meu irmão com 4 anos. Por isso, e por ser uma mãe tão amorosa, a ela minha eterna gratidão, admiração e amor.

Como a força feminina é a espinha da nossa família, não posso deixar de agradecer imensamente minha madrinha e tia Helena Rita Rios Queiroz, que cumpre com maestria a missão de madrinha, minha querida tia lena, mulher guerreira, a quem devo parte do que sou.

Agradeço ao meu irmão, que muitas vezes quando a ansiedade dava sua cara sempre me mandava tomar um pouco de sol e fazer uma caminhada. Agradeço à minha prima Terezinha Neta, que com suas filhas, Ingrid Oliveira e Maria Helena Oliveira sempre me traziam para um lugar chamado família, e que, apesar dos momentos ruins, eu não estava só. Igualmente, agradeço ao meu primo Timóteo Queiroz, que sempre me ensina com sua experiência.

Agradeço imensamente à família que a Uefs me deu, Professora Adriana Dantas Reis, que em sua prática docente, me mostrou o quanto o afeto é revolucionário, que teve paciência comigo nessa jornada. As minhas Divas da história, Amanda Corrêa, Rebeca Layse, Luana Cardoso, e Ludmila Miranda, sem essas mulheres, certamente a caminhada seria muito mais pesada. O meu grande amigo Diego Bispo, que tem uma generosidade e carinho raro nos tempos corridos em que vivemos.

A meu companheiro de vida, de angústia, de alegria e sofrimento, Isequiel Neto, que muitas vezes acreditava mais em mim do que eu mesmo, sempre pronto para um cafuné e uma palavra de conforto, obrigada por sempre está ao meu lado

Por fim, agradeço imensamente à Associação dos Estudantes Baixa-grandense - ASSEB, e às casas dos estudantes REBS e REBFS por ser esse lugar de possibilidades, lugar de acolhimentos (e conflitos, pois faz parte da vida).

## RESUMO

O presente trabalho aborda o impacto dos pontos de cultura realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Baixa Grande durante os anos de 2009 a 2015 na vida dos baixa-grandenses. Todavia, o trabalho está repleto de minhas próprias memórias e vivências enquanto membro da comunidade e enquanto alguém que participou de duas das oficinas oferecidas pelo ponto de cultura, inclusão digital e capoeira. No primeiro, capítulo situo a cidade de Baixa Grande e sua gente, depois discuto sobre cultura popular relacionando-a com brevemente com uma cultura popular negra. No segundo capítulo, apresento o Ponto de Cultura, Renovando a Cultura, Cultura se Faz, foco do meu trabalho e apresento outro projeto realizado também pelo sindicato a fim de renovar a cultura do samba de roda no povoado de Viração, Projeto Renasce Viração. Além de discutir sobre o impacto que esses projetos tiveram para as comunidades que compõem a cidade de Baixa Grande também relaciono com a cultura negra.

**Palavras Chave:** Pontos de Cultura; Baixa Grande; Cultura; Samba de Roda; Identidade

## ABSTRACT

The present work addresses the impact of the culture points carried out by the Union of Rural Workers and Rural Workers of Baixa Grande during the years 2009 to 2015 in the lives of baixa-grandenses. However, the work is full of my own memories and experiences as a member of the community and as someone who can participate in two of the workshops offered by the point of culture, digital inclusion and capoeira. In the first chapter I place the city of Baixa Grande and its people, then I discuss popular culture, briefly relating it to black popular culture. In the second chapter I present Culture Points, RENEWING CULTURE, CULTURE IS MADE, focus of my work and I present another project carried out also by the union in order to renew the culture of samba de roda in the village of Viração, Projeto Renasce Viração. In addition to discussing the impact that these projects had on the communities that make up the city of Baixa Grande, I also relate to black culture.

Keywords: Points of Culture; Baixa Grande; Culture; Samba de Roda; Identity

**LISTA DE MAPAS**

MAPA 1 Mapa da localização da cidade .....	14
MAPA 2 Mapa ilustrativo do município .....	17

**LISTAS DE TABELA e GRÁFICO**

TABELA 1 Divisão da população (censo 2010) .....	17
GRÁFICO 1 Porcentagem de pessoas residentes de cor /raça Preta e parda .....	17

## **LISTA DE IMAGENS**

IMAGEM 1 Apresentação do Bumba meu boi na Rodada Cultura de Lagoa do Cipó .....	33
IMAGEM 2 Apresentação do Reisado das mulheres na Rodada Cultura de Lagoa do Cipó .....	34
IMAGEM 3 artesanatos em palha produzidos pela comunidade de Lagoa do Cipó.....	34
IMAGEM 4 Apresentação de capoeira do grupo Negro Fujão na Rodada Cultural de Lagoa do Cipó .....	35
IMAGEM 5 moradores de Lagoa do Cipó “plantando” a árvore .....	35
IMAGEM 6 Sete meninos recebendo caruru na Rodada Cultural da Comunidade de Lagoa Queimada .....	36
IMAGEM 7 comidas típicas da comunidade de Lagoa Queimada vendidas na Rodada Cultural .....	36
IMAGEM 8 Grupo de mulheres cantando cantigas de rodas na Rodada Cultura de Lagoa Queimada .....	37
IMAGEM 9 Grupo de homens cantando a cantiga da Bandeira na Rodada Cultural de Lagoa Queimada .....	38
IMAGEM 10 Barraca com doces e bebidas vendidos na Rodada Cultural da Lagoa Queimada .....	38
IMAGEM 11 Artesanatos produzidos pelas moradoras da comunidade de Lagoa Queimada .....	40
IMAGEM 12 Apresentação do grupo de hip-hop na Segunda Semana de Arte e Cultura .....	40
IMAGEM 13 Grupo de Teatro na Segunda Semana de Arte e Cultura realizada em 2011 .....	41
IMAGEM 14 Apresentação musical de artistas baixa-grandenses durante a Terceira Semana de Arte e Cultura realizada em 2014 .....	42
IMAGEM 15 Apresentação da cantora Rafaela Mello na última noite da Terceira Semana de Arte e Cultura de Baixa Grande .....	42
IMAGEM 16 Público na última noite da Terceira Semana de Arte e Cultura de Baixa Grande, 2014 .....	42
IMAGEM 17 Arrastão cultural na feira livre de Baixa Grande na Terceira Semana de Arte e Cultura .....	44
IMAGEM 18 Coordenadores do Ponto de Cultura entregando os prêmios para os grupos vencedores do Festival de Quadrilha.....	44
IMAGEM 19 Apresentação dos grupos de Quadrilha mirim .....	45
IMAGEM 20 Banner do V Festival de Quadrilha, cujo tema foi a Água .....	45
IMAGEM 21 Apresentação de um dos grupos no festival .....	45
IMAGEM 22 Apresentação de mais um grupo e banner com o tema do festival de quadrilha .....	46
IMAGEM 23 Apresentação de mais um grupo no festival .....	46
IMAGEM 24 Meninas com estandarte .....	48
IMAGEM 25 Entrega dos certificados em abril de 2015 de uma das oficinas de corte e costura .....	48
IMAGEM 26 Oficina de pintura, na sede da cidade.....	49
IMAGEM 27 Uma das turmas da oficina de capoeira.....	49
IMAGEM 28 Grupo de mulheres da oficina de Pintura .....	49

.....  
IMAGEM 29 Peças produzidas pelas participantes das oficinas na entrega de certificados ..... 49

**LISTAS DE ABREVEATURAS E SIGRAS**

ASSEB – ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES BAIXA-GRANDESE  
CEBS – COMUNIDADES ECLECIAS DE BASE

PJMP – PASTORAL DA JUVENTUDE DO MAIO POPULAR

REBS – RESIDENCIA ESTUDANTIL DE BAIXA GRANDE EM SALVADOR

REBFS – RESIDENCIA ESTUDANTIL DE BAIXA GRANDE EM FEIRA DE SANTANA

STTR – SINDICATO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RUARIS

**SUMARIO**

INTRODUÇÃO .....	12
1. CAPITULO 1- <b>BAIXA GRANDE: QUAL CULTURA SE FAZ?</b> .....	<b>15</b>
1.1 Breves Reflexões Sobre a Cultura fazemos .....	19
2. <b>CAPÍTULO 2 - Renovando a Cultura, Cultura se Faz: Baixa Grande e os projetos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais</b> .....	<b>22</b>
2.1 As Rodadas Culturais .....	32
2.2 As Semanas de Cultura e Arte .....	39
2.3 Os Festivais de Quadrinha .....	42
2.4 As oficinas .....	46
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	54
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	55

## INTRODUÇÃO

“O valente guerreiro chorou, chorou, chorou de dor”. “Capoeira tem história, capoeira tem tradição, capoeira deixou a marca do povo africano na nação “essas eram algumas das canções que ouvíamos nas oficinas de capoeira, e uma das que mais me recordo, por isso, sempre que sinto saudades das aulas coloco algumas canções. E foi assim que comecei a pensar neste trabalho, ouvindo Mestre Barrão.

Certamente, os Pontos de Cultura ainda permanece vivo na memória de muitos da população brasileira, e na minha, não é diferente, falo enquanto alguém que na adolescência participava da oficina de capoeira, ia para as rodadas culturais (eventos que aconteciam nas comunidades e que contavam com apresentações culturais, como reisado, roda de capoeira, apresentações de teatro, mostra de artesanato e outro), do festival de quadrilha, portanto, falo enquanto alguém que viveu o ponto de cultura “Renovando a Cultura; cultura se Faz”.

E é exatamente por ter vivido este momento, e por recordar esse momento com felicidade que me propus a contar uma história da qual faço parte e que considero relevante para a construção de uma narrativa sobre a cidade de Baixa Grande e sua gente, e sobretudo, sobre a cultura, que por vezes é inferiorizada, subestimada. Por isso, construir uma narrativa sobre esse projeto que deixou marcas na memória dos baixagrandenses é de algum modo demarcar a importância de escrever nossas histórias. Ainda que de maneira breve, também falarei de outro projeto realizado em 2011 que foi financiado pelo Banco do Nordeste, projeto Renasce Viração, que tinha como objetivo reviver a tradição do samba de roda e das cantigas de roda no povoado de Viração.

Antes do projeto, ainda na minha infância, me recordo de sairmos na comunidade no dia 06 de janeiro, dia de Santo Reis, para cantarmos o reisado na casa das pessoas, reunindo outras comunidades da região. Me lembro, que era quase uma tortura para mim, num sol escaldante, andando de casa em casa, ainda criança, não entendia direito o que aquilo significava, com o passar do tempo, essa tradição foi ficando parada, até chegar um tempo em que não saímos mais nas casas cantando o reisado.

Desse modo, quando o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalha Rurais (STTR), em 2009 realizou um mapeamento e em seguida começou a desenvolver algumas atividades do Projeto do Ponto de Cultura<sup>1</sup>: “renovando a cultura; cultura se faz”,

---

<sup>1</sup> Os Pontos de Cultura, enquanto linha de ação do Programa Cultura Viva, funcionava como uma política pública de incentivo para a cultura local, mas também de reconhecimento. O edital tinha a duração de três

promovendo rodadas culturais nos povoados, nas quais eram realizadas apresentações culturais que fossem potencialidades/tradição nas comunidades, assim, víamos desde apresentações de bumba meu boi, grupo de cantiga de roda, samba de roda; a apresentações de teatro e hip hop. Passando também pela culinária local; bolos de puba na palha de bananeira, conhecidos como xibata, beiju de goma, batida (bebida alcoólica com ervas), cocadas dos mais variados sabores. E passando pelo artesanato, principalmente, o crochê e os tecidos pintados.

É importante demarcar a questão religiosa, ao me referir “comunidade” não estou apenas me referindo a uma localidade, mas também, falo de uma comunidade rural religiosa, uma comunidade que ainda tem viva no sangue a sementes das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) as CEBs demarcam uma experiência latino-americana de vivência religiosa pautada na centralidade da Palavra, na luta política, e na emancipação libertária do povo. Acredito ser importante explicitar sobre essa questão, pois as vivências de uma comunidade rural com essas características são distintas de outras comunidades. Desse modo, temos comunidades marcadas pelas experiências religiosas, mas também em certo sentido, política, não era incomumvê-las em manifestações como o Grito dos Excluídos, por exemplo, ou festas dos padroeiros das comunidades.

O STTR<sup>2</sup> promoveu várias oficinas através dos Pontos de Cultura, em vários povoados da cidade, entre eles no povoado de Mandacaru, localizado a 31 km da sede da cidade, foram ofertadas as oficinas de corte e costura e de capoeira, participei da de capoeira, pois já havia feito aulas de capoeira anteriormente. Apesar de não haver nenhum grupo de capoeira, o povoado de Mandacaru recebeu essa oficina, diferentemente, da oficina de corte e costura, que tinha algumas costureiras.

Cada comunidade recebia algumas oficinas, os critérios para a escolha de qual oficina iria ser ministrada nas comunidades foi decidido através de um mapeamento, realizado entre outubro de 2009 e janeiro de 2010 com a intenção de mapear as potencialidades de cada localidade, principalmente, no quesito “artesanato e confecção”.

---

anos e funcionava através de convênios, após seleção do projeto feito pela comunidade o Ponto se Cultura recebia uma quantia de 185 mil em cinco parcelas semestrais para investir de acordo tinha apresentado no projeto. Qualquer organização não governamental que atuasse de algum modo para valorização da cultura poderia concorrer ao edital.

<sup>2</sup>Irei utilizar a sigla STTR para me referir ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Baixa Grande

É por meio desse mapeamento que as oficinas são direcionadas, desse modo, foram oferecidas oficinas de capoeira, música, inclusão digital, culinária, corte e costura, teatro, pintura, bordado e crochê. Ainda conforme o informativo produzido pelo STTR em 2012, outras atividades também foram realizadas como: Semana de Arte e Cultura; Arrastão cultural; Fórum Cultural; Mostra Municipal de Teatro; Mapeamento Cultura e Festival de Quadrilha.

Tendo a necessidade de saber qual o impacto dos Pontos de Cultura de Baixa Grande na comunidade, principalmente no que diz respeito à construção de memória e identidade, para tal, o trabalho se estrutura em dois capítulos, no primeiro, apresento a cidade de Baixa Grande, e uma discussão sobre cultura popular negra e no segundo apresento o que foi o Ponto de Cultura de Baixa Grande Renovando a Cultura, Cultura se Faz.

No que se as fontes utilizadas, elas são tanto orais, imagéticas e documentais. Inicialmente, conversei com Helena Rita, que na época do projeto era a coordenadora cultural, ela cedeu tanto imagens quanto alguns matérias, como: mapeamento feito em 2009 nas comunidades, relatório de atividades, informativos, projeto elaborado pelo STTR para concorrer ao edital, projeto feito para o projeto Renasce Viração. Além das fotos e as conversas sobre os projetos, como também indicação de pessoas as quais pudesse conversar. As entrevistas foram realizadas com Washington Araújo, jovem morador da sede do município, Helena Rita, como já mencionei, moradora da comunidade Piauí, Sival de Jesus, sambador e morador do povoado de Viração. Apesar de não utilizar nesse trabalho, entrevistei Jairo Rios, sambador e morador da comunidade Vista Alegre e Otaíde, sambador e morador da comunidade Piauí. Também utilizei reportagens e Imagens do site Portal Bacia do Jacuípe de Ediomário Catureba.

## CAPÍTULO 1 - BAIXA GRANDE: QUAL CULTURA SE FAZ?



**MAPA 1-** mapa da localização de baixa grande. Fonte: Wikipédia

Para que melhor possamos entender a grande ciranda dos Pontos de Cultura, e principalmente, o ponto de cultura Renovando a Cultura, Cultura se Faz, precisamos conhecer um pouco da terra e das gentes de Baixa Grande, a “Capital do Mundo” como nós baixa-grandenses gostamos de chamá-la, fica localizada no Centro Norte Baiano, há 252 km da capital baiana e tendo como território de identidade a Bacia do Jacuípe, faz limites com os municípios de Ipirá, Pintadas, Macajuba, Mundo Novo e Mairi, acesso

pela Ba-052, com população de 20.060 habitantes de acordo com o censo de 2010<sup>3</sup>, e tendo como base econômica a agricultura familiar e a pecuária.

Mesmo pequena, Baixa Grande consegue se destacar nas cidades circunvizinhas, e sobretudo, pelo fato de conseguir manter duas casas de estudantes, uma em Salvador (Residência Estudantil de Baixa Grande em Salvador- REBS) e outra em Feira de Santana (Residência Estudantil de Baixa Grande em Feira de Santana - REBFS), graças a intermediação e parceria da Associação dos Estudantes baixa-grandenses - ASSEB, fundada em 30 de maio de 1988.

Cito esse fato, pois percebo o quanto importante é uma cidade pequena conseguir manter casas para estudantes que estão cursando faculdades e cursinhos preparatórios, e principalmente, o quanto isso volta de várias formas para a sociedade baixa-grandense, mas sobretudo, o quanto possibilita que jovens sonhem com futuros que antes eram inimagináveis. E principalmente, falo de um lugar de quem viveu na casa de Salvador no período de 2014, fazendo cursinho e logo depois em Feira de Santana, de 2015 até fevereiro de 2023, e por isso, sabe o impacto que as casas dos estudantes têm na vida e formação desses jovens, mas também, o impacto que isso provoca na cidade.

Sua gente festeira, alegre, comemora o aniversário da cidade com uma grande micareta, celebrada juntamente com o aniversário da cidade em 17 de julho onde os blocos desfilam há mais de 20 anos, a exemplo do “Tu tá bêba, égua”, (bloco masculino) e o “Tô bêba, e daí” (bloco feminino) assim como a presença do urso, grande atração que anima a micareta<sup>4</sup>, marcando certamente a memória de cada folião. Além da micareta, a cidade é marcada pelas festas religiosas, festa de São Roque, (co-padroeiro) e festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade.

Com a maioria de sua população na zona rural, de acordo com o IBGE, pessoas distribuídas pelos povoados e comunidades, assim como as demais cidades do interior, a cultura é marcada pelas tradições, mas é importante salientar que a tradição não é algo estático, pelo contrário, ela é viva, dinâmica, ela se reinventa. Tradição essa do samba de “pé de parede” como é chamado, de grupos de forró, de mulheres cantando cantigas de rodas.

<sup>3</sup> disponível em > (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/baixa-grande/panorama>)

<sup>4</sup> Sobre a Micareta de Baixa Grande, Washington Araújo Filho defendeu sua monografia no curso de Licenciatura em História, na Universidade Estadual de Feira de Santana sobre o tema.

É claro, que existem tradições que hoje não são tão vívidas, volta e meia, em conversa com minha mãe e outros mais velhos falam dos “bois roubados<sup>5</sup>”; Digitório<sup>6</sup>, “Rouba de Mandioca<sup>7</sup>; Bata de Milho e Feijão, sempre marcada pelas cantigas, e várias outras ações comunitárias existentes nas comunidades principalmente rurais. Tudo isso, faz parte de uma cultura que é dinâmica, que também se reinventa a partir de necessidades na qual a maioria da população são mulheres, moradores da zona rural e negros, conforme veremos nas imagens a seguir:

---

<sup>5</sup>Os Bois roubados, são ajudas que algumas pessoas davam a vizinhos, amigos, parentes na lavoura, alguns homens se reuniam para ajudar a destocar, capinar, enfim, fazer o que tivesse necessidade no terreno da pessoa, esses homens chegavam antes do alvorecer de surpresa na casa do pessoal, saltavam foguetes para anunciar a rouba no boi e o trabalhavam acompanhados de muita cantoria. Lá em Baixa Grande, as mulheres ficavam na cozinha preparando a comida e os homens na roça

<sup>6</sup> Os Diretórios também são ajudas, mas, esses são o dono do serviço que pede a ajuda, pra uma reforma na casa, pro trabalho na roça, enfim, várias são as formas de ajuda não se limitando ao roçado como é o caso do boi roubado, nesse tipo de ajuda, a comida é responsabilidade do dono do serviço

<sup>7</sup> A mandioca roubada ou roubo de mandioca é muito semelhante com a do boi, quando alguém da comunidade está com *tarefada* de mandioca, organiza-se um grupo de pessoas para ajudar, geralmente, durante a noite, chega-se de surpresa na casinha de farinha, soltam foguetes para avisar e começam a cantar cantigas de rodas e demais cantiga, raspam a mandioca, ralam, põem na prensa para secar, alguns grupos só param quando a farinha já tá seca e no saco, outros quando ainda está molhada.

## Divisão da população (Censo de 2010)

### Por sexo:

Homens: 9.969

Mulheres: 10.100

49,67%

50,33%

### Urbana x Rural:

Urbana: 8.333

Rural: 11.736

41,52%

58,48%

	Baixa Grande	Média BA	Média Brasil
Homens	49,67%	49,07%	48,96%
Mulheres	50,33%	50,93%	51,04%
População urbana	41,52%	72,07%	84,35%
População rural	58,48%	27,93%	15,65%

Homens

49,67%

49,07%

48,96%

Mulheres

50,33%

50,93%

51,04%



População urbana

41,52%

72,07%

84,35%



População rural

58,48%

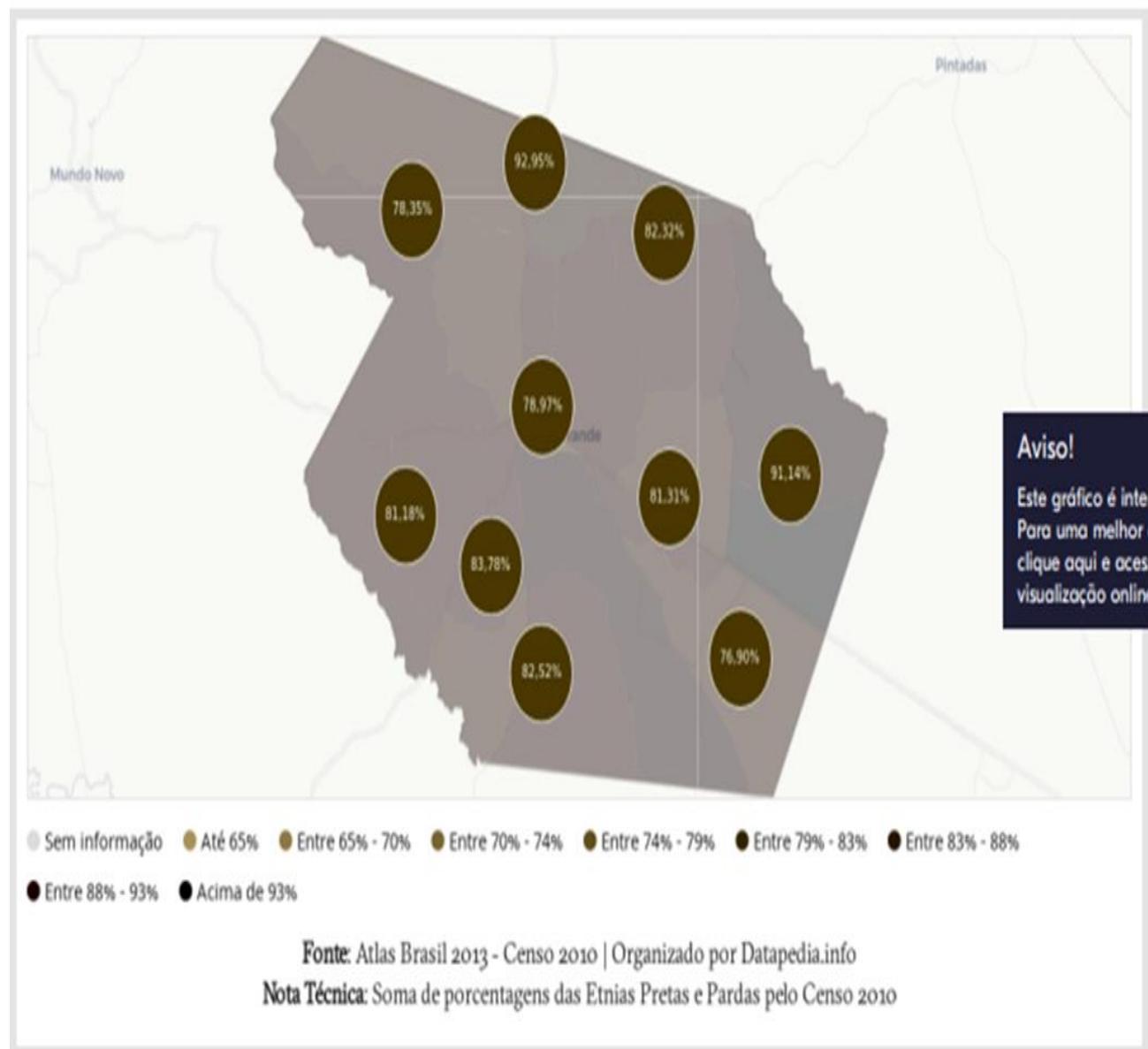
27,93%

15,65%

**Tabela 1-** Fonte: site Estados e Cidades (disponível em > [<](https://www.estadosecidades.com.br/ba/baixa-grande-ba.html))

## Porcentagem Do Total de Pessoas Residentes de Cor/Raça Preta e Parda

Aqui se pode ter uma noção de como está a miscigenação ou segregação étnica no município. Como historicamente as etnias preta e parda abrigam uma porcentagem bem maior de famílias vulneráveis, o mapa fornece também uma visualização das áreas mais necessitadas de ações em prol da primeira infância.



**Gráfico 1** - Fonte: Primeira Infância Primeiro (disponível em:  
<https://primeirainfanciaprimeiro.fmcsv.org.br/municipios/baixa-grande-ba/>



**Mapa 2-** Mapa ilustrativo da cidade de Baixa Grande. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe

Como podemos observar nas imagens acima, a maioria da população baixagrandense são de mulheres; moradores na zona rural do município; e com mais 70% da população autodeclarada preta e parda, isto é, negra, no último censo. Mesmo, que a última imagem não contenha os nomes de cada localidade para que melhor pudéssemos analisar quais a porcentagem de cada comunidade autodeclarada negra, haja vista que em várias conversas com minha tia Helena Rita e minha mãe, ambas já me disseram que haviam comunidades remanescentes quilombolas, entretanto, essas comunidades não queriam se auto identificar como tal.

Outro elemento, que através na análise da última imagem sobre a porcentagem de pessoas negras me ajuda a entender, porque, durante a entrevista com Helena Rita, quando ela fala que durante a realização do mapeamento nas comunidades de Baixa Grande para

a realização do Projeto do Ponto de Cultura, relata que ela algo comum nas comunidades era dizer que havia grupos de samba de roda ou de cantigas de rodas (isso será melhor trabalhado no capítulo 2). Isso me faz pensar que a cultura negra está muito presente nessas comunidades, e só se confirma com o dado do IBGE da porcentagem da dos residentes que se declaram pretos e pardos.

### **1.1 Breves Reflexões Sobre a Cultura fazemos**

Pesquisando o significado da palavra “cultura” no Google, o site Dicionário online de Português, nos dá as seguintes definições:

Conjunto das estruturas sociais, religiosas etc., das manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracteriza uma sociedade, diferenciando-a de outras: a cultura inca; a cultura helenística.

Conjunto dos conhecimentos adquiridos; instrução: sujeito sem cultura.

Expressão ou estágio evolutivo das tradições e valores de uma região, num período determinado: cultura católica. [...] <sup>8</sup>

Essa ideia de um “estágio evolutivo” com relação à cultura ainda é muito presente em nosso imaginário, não é difícil ouvir algo relacionado a existência de uma “cultura melhor”, ou “superior” a outra, principalmente, se a cultura estiver relacionada com grupos sociais historicamente desfavorecidos.

Desse modo, a cultura é categorizada como “popular” e “erudita”. Petrônio Domingues<sup>9</sup>, em seu artigo “Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica” analisa as produções acerca do conceito de cultura popular e erudita, para tal, utiliza os autores clássicos que falam sobre a temática, como Mikhail Bakhtin, Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, Robert Darnton, Roger Chartier, Peter Burke e Edward Palmer Thompson.

Com isso, a primeira parte do trabalho é mostrar como na produção do conhecimento histórico se configura essas tendências nas abordagens que separam cultura popular e erudita em unidades distintas. Para Domingues, essa tendência começa na segunda metade do século XVIII e tem origem com os intelectuais europeus e tendo como fronteira demarcatória o conceito de “folclore”. No decorrer do século XIX, se cria uma produção cultura baseada na idealização de “pureza”, de “natural” dos moradores da zona rural, o que gerou, de acordo com o autor, “base para a elaboração do mito fundador de

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cultura/>

<sup>9</sup> DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. História (São Paulo), v. 30, p. 401-419, 2011

várias nações, bem como desencadeou o início de muitas pesquisas folclóricas que se empenharam em descobrir uma cultura “primitiva”.<sup>10</sup>

Nessa análise de construção de conceito, Domingues salienta o fato de não haver consenso sobre o termo “popular”, e até mesmo “cultura”. Nesse sentido, popular deriva de povo, que mesmo também sendo um conceito que causa debates é muito utilizado para cidadãos que não são pertencentes à classe dirigente de uma sociedade ou fazem parte de uma elite socioeconômica da mesma. Dito isso, me recordo da fala de Helena Rita, de Baixa Grande, onde ao falar sobre o projeto Renasce Viração. Abaixo segue um trecho da entrevista:

(...)Então, o samba existia no nosso município, e tava tendo um preconceito na época, de que o samba era coisa de velho, era coisa de gente atrasada e a gente queria mostrar pra juventude de que o samba era coisa do povo(...)<sup>11</sup>

Esse trecho, diz muito sobre essa cultura a qual trago o Domingues para ajudar na reflexão, a ideia implícita é de que essa cultura é “menor”, ou nas palavras acima, “coisa de gente atrasada”, e analiso, que não é, somente, de maneira geral, “coisa de gente atrasada”, mas também, coisa de gente negra e em contexto rural. A partir dessa reflexão, trago aqui, uma citação de Lélia González, do texto “A categoria político-cultural de amefricanidade”, no que se refere à cultura, a autora diz:

É certo que a presença negra na região caribenha (aqui entendida não só como a América Insular, mas incluindo a costa atlântica da América Central e o norte da América do Sul) modificou o espanhol, o inglês e o francês falados na região (quanto ao holandês, por desconhecimento, nada posso dizer). Ou seja, aquilo que chamo de “pretuguês” e que nada mais é do que marca de africanização do português falado no Brasil (nunca esquecendo que o colonizador chamavam os escravos africanos de “pretos”, e de “crioulos” os nascidos no Brasil) é facilmente constatável sobretudo no espanhol da região caribenha. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, e também a ausência de certas consoantes (como o L ou o R, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isso sem falar nos dialetos “crioulos” do Caribe). Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis se o nosso olhar se volta para as músicas, as danças, os sistemas de crenças etc. Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalculado por classificações eurocêntricas do tipo “cultura popular”, “folclore nacional” etc. que minimizam a importância da contribuição negra<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> IBIDEM, P.2

<sup>11</sup> Entrevista cedida dia 27/02/2022

<sup>12</sup> GONZALEZ, Lélia. In: Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos. A categoria político-cultural de amefricanidade. 115-116

Lélia Gonzalez nos apresenta elementos importantes que me ajudam a refletir sobre essa cultura, na citação a autora fala da influência negra na língua, e avança sobre a música, a dança e o sistema de crenças. Isso me fez refletir sobre a minha comunidade, sobre o porquê de haver essa ideia de que a cultura do samba de roda é “atrasada” e principalmente, sobre o papel do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em querer que essa cultura não se perca. O IBGE me traz o dado que a maioria se declara negra, então, de certa forma, esse dado me ajuda a entender melhor como essas pessoas se veem, mas, sei também que o contexto rural proporciona vivência da negritude de forma distinta da urbana. Mesmo sabendo que essas comunidades possuem experiências distintas, que provavelmente, algumas vezes a cor possa não ser o foco de preconceitos, que o racismo não se expresse de forma tão cruel, ainda assim as marcas de uma comunidade negra estão presentes, através da cultura e lutando para não morrer.

## **CAPÍTULO 2 - Renovando a Cultura, Cultura se Faz: Baixa Grande e os projetos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais**

Entre os materiais cedidos pela atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Helena Rita Queiroz, uma das minhas entrevistadas, encontra-se o formulário de inscrição do Programa BNB de Cultura, em parceria com o BNDES, o Projeto desenvolvido pelo sindicato teve como título Renasce Viração desenvolvido durante o ano de 2011. Nele, consta um breve histórico sobre a entidade, que de acordo com a ficha foi fundada em 18 de fevereiro de 1984, advindo da necessidade que os trabalhadores e trabalhadoras rurais encontravam em ter alguma organização que os representassem, a partir de discussões surge então o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Baixa Grande

Nesse contexto, o STTR, de acordo com o exposto no formulário do projeto Renasce Viração, algumas das principais atividades desenvolvidas são a realização de campeonatos de futebol entre as comunidades; comemoração do dia do Lavrador, dia da Mulher e realização de mutirões.

O projeto Renasce Viração teve como objetivo proporcionar a revitalização do samba e da cantoria de reis no povoado de Viração de forma abrangente, além de elencar como objetivo específico do projeto a compra de instrumentos musicais, figurinos para o grupo Capelinha de São João, isso posto, destaco um trecho do formulário de inscrição:

Diante das riquezas culturais vividas ao longo da história do município, a resistência da comunidade com suas manifestações luta pela sobrevivência. Através do Projeto “Renasce Viração” do Grupo de Reis Capelinha de São João da Comunidade de Viração, proporcionará a revitalização da cultura local influenciando a participação da juventude e da continuidade desta identidade cultural oportunizando a integração e desenvolvimento das potencialidades artísticas e culturais visando dar melhor qualidade de vida mostrando como as artes , cultura e lazer são fundamentais na vida do ser humano.(trecho retirado do formulário de inscrição do projeto, cedido pelo STTR)

Assim, percebemos como a agência do STTR na vida dos moradores de Baixa Grande é de fundamental importância ao que concerne a uma manutenção da cultura local e valorização desses sujeitos, não somente dos componentes do grupo de samba de roda, mas como de toda população baixa-grandense pertencente a esta cultura.

Certamente, o projeto Renasce Viração foi importante, mas, segundo as entrevistas tanto com a diretora de cultura do STTR quanto com os entrevistados,

observamos que não surtiu o efeito desejado, talvez, pelo fato de ser desenvolvido concomitantemente ao Programa Ponto de Cultura, que o STTR conseguiu através de edital, que nas fontes que tive acesso durou mais de 3 anos, mesmo o edital dispusesse de verba apenas para 3 anos. Observo, por exemplo, Rodadas culturais e oficinas sendo realizadas em 2009, período de mapeamento.

Os Pontos de Cultura, nascem enquanto linha de ação do Programa Cultura Viva, nesse sentido é preciso entender para além do que foi o programa, mas, o porquê da criação do programa? Qual o cenário cultural do Brasil para a criação do mesmo? Portanto, na tentativa de explicar minimamente o que foi e o porquê do programa, é necessário fazer um breve recuo histórico tanto no cenário nacional como estadual.

Na dissertação da Cláudia Vasconcelos “Sertão Baiano: o lugar da sertanidade na identidade baiana” a autora analisa a construção da identidade baiana, reflete não apenas sobre a Bahia, mas sobre o sertão, entretanto, nos interessa suas reflexões acerca desse “texto da baianidade”. Segundo a autora, o discurso identitário sobre a Bahia foi construído a partir de Salvador e do Recôncavo Baiano, com isso, faz análises a partir de duas questões apresentadas na introdução:

- 1. Por que esse estado de tão ricas e variadas representações culturais elegeu como referência apenas uma região, Salvador e o Recôncavo, para compor o texto da baianidade? 2. Existe lugar para a sertanidade no conjunto de referências que comumente se denominou de identidade baiana?<sup>13</sup>**

Assim, a autora segue fazendo análises sobre a representação dessa “baianidade”, dialoga com outros autores, como Milton Moura, que define a baianidade enquanto um “construto, como um texto que se configura através de representações simbólicas e estéticas”, (p 21) desse modo é construída por diferentes agentes, definido o que deve ser “lembiado/evidenciado e o que deve ser esquecido/apagado” (p.22).

Com isso, é possível salientar que no texto dessa construção da identidade baiana ou melhor, dessa baianidade, existem grupos que ditam intencionalmente o que faz parte dessa identidade. Vasconcelos ressalta sobre o debate que vem ocorrendo nos últimos anos acerca das discussões com relação a baianidade, principalmente, veiculada pela propaganda “um paraíso”.

---

<sup>13</sup> VASCONCELOS, Cláudia Pereira. Ser-Tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da Identidade Baiana. 2007. P.21

Entretanto, essas discussões são concentradas no Recôncavo e tendo como referência Salvador. Com isso, pontua sobre a necessidade de discutir sobre essa construção da identidade baiana, pois, uma parcela da população, principalmente a do semiárido não faz parte dessa construção. (p23)

No capítulo 3 da dissertação da autora, o foco é a Bahia - “Um jeito que nem uma outra terra tem” - portanto, aprofundaremos neste capítulo para compreender melhor as análises de Vasconcelos. Além de alguns nomes como Jorge Amado e Dorival Caymmi os quais também produzem uma imagem identitária acerca da Bahia, que não traz consigo nenhum resquício de sertão ou de nordeste.

Salienta também para o fato da crise política vivenciada pela Bahia no início do século XX, fato esse que faz com que a elite baiana invista em uma imagem nas propagandas e mídias de uma terra de alegria. Em vista disso, associar a identidade ao sertão ou ao nordeste, seria o mesmo que vincular uma imagem de atraso ou pobreza, haja visto que o discurso sobre essa região ainda é visto como lugar de atraso e pobreza, mesmo que outras narrativas sejam construídas a fim de superar esse lugar cristalizado no imaginário popular sobre o sertão.

O sertão está presente nas referências do Brasil, e isso é inegável, assim, como vêm se modificando com o tempo e modificando a forma como é representado, entretanto, a Bahia, ainda sem querer perder a referência de ter sido capital do país, oculta sua parte sertaneja, dessa foram, sublinha a autora:

A noção de *Bahia*, aqui também chamada de *texto identitário da baianidade*, se construiu a partir de uma imagem que a projetou como uma terra singular, aparecendo no imaginário nacional e internacional como lugar da felicidade, diferente, místico e sensual. Como um caso à parte do Nordeste e, mais ainda, um caso à parte no Brasil (VASCONCELOS, 2007, p.104)

Vasconcelos mostra em seu trabalho que não é à toa o silenciamento no discurso da identidade baiana sobre a questão do sertão, assim, como o que se escolhe mostrar. Uma identidade forjada desde artista, elite e também passando pelo governo estadual, cada um tendo suas motivações, mas ambos produzindo discursos identitários no qual a Bahia, com sua cultura africana, é uma terra de alegria e felicidade sem fim.

Desse modo, temos um cenário em que a cultura e identidade baiana estava atrelada a uma imagem única, centrada em Salvador e no Recôncavo. Posto isso, é necessário compreender como surgem os Pontos de Cultura, e como base utilizamos o livro organizado Frederico Barbosa, Lia Calabre publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2011)

Os Pontos de Cultura, linha de Ação do Programa Cultura Viva, criado no Governo do presidente Lula e na gestação no Ministro da Cultura Gilberto Gil<sup>14</sup>, sem dúvidas, foi algo que permitiu para uma parcela da população brasileira se ver dentro do mosaico cultural que é a cultura brasileira, e principalmente, perceber o incentivo do próprio Estado Brasileiro.

Uma vez que, a forma como o estado lidava com a cultura, até então, era muito diferente, por isso, o primeiro ponto de destaque é esse, o modo como o governo brasileiro irá tratar a cultura. De acordo com Patrícia Dornele, autora do nono capítulo do livro citado acima, em que trata de “Território e Territorialidade na Rede Cultura Viva da Região Sul: Programa Cultura Viva/Ministério da Cultura”, instaurado em julho de 2004, o Programa Cultura Viva - Pontos de cultura, carrega consigo a potencialidade de ser uma rede na qual é possível gerar trocas culturais, revelando tanto os sujeitos e seus lugares como suas potencialidades. Portanto, o Programa Cultura Viva rompe com as políticas culturais anteriores e coloca em destaque a diversidade cultural brasileira.

Nesse sentido, Carolina Marques, afirma em sua monografia (2009) que o então governo deparou-se com o desafio de construir uma política de estado capaz de superar as políticas tradicionais. Assim, o primeiro discurso do ministro Gilberto Gil traz o tom de seu entendimento sobre a cultura:

Desta perspectiva, as ações do Ministério da Cultura deverão ser entendidas como exercício de antropologia aplicada. O Ministério deve ser como uma luz que revela, no passado e no presente, as coisas e os signos que fizeram e fazem do Brasil, o Brasil. Assim, o selo da cultura, o foco da cultura será colocado em todos os aspectos que a revelam e expressam, para que possamos tecer o fio que nos une. (GIL, 2003)<sup>15</sup>

Marques destaca que, para além das dificuldades em termos de tradição política, o novo governo também enfrenta problemas de ordem orçamentária. Pois, o novo ministro tinha “baixo orçamento, concentração de recursos em setores culturais e em

<sup>14</sup> Gilberto Passos Gil Moreira, mais conhecido como Gilberto Gil, nascido em 1942, é baiano, cantor, compositor e multi-instrumentista. Em 2002, Gil foi nomeado ministro da Cultura e passou a atuar diretamente na implementação de políticas voltadas para o desenvolvimento e diversidade da arte nacional. Ele deixou o cargo em 2008 para voltar à produção musical. Mas suas atividades em prol da arte vêm de longa data. Em 99, recebeu o título de "Artista pela Paz", pela UNESCO. Além disso, foi nomeado Embaixador da FAO (órgão da ONU) e ganhou premiações como Légion d'Honneur, da França, e Sweden's Polar Music Prize. Em 2021, o reconhecimento de sua trajetória veio através da nomeação de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Berklee. Além disso, tomou posse como "imortal" pela Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira número 20. (informações coletadas do site Terra. disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/musica/conheca-a-biografia-de-gilberto-gil.41e63fed7a551bd1765f8d6b2479dcacnedr2151.html>)> acesso em 06/03/2023.

<sup>15</sup> Discurso da posse do Ministro Gilberto Gil disponível em:>  
<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>

determinadas regiões do país, fragilidade institucional, ausência de pessoal e uma política equivocada de leis de incentivo e eventos como política cultural”<sup>16</sup>

É em meio a esse cenário que as políticas culturais são implementadas, e entre elas o Programa Cultura Viva - Pontos de Cultura - que teve como objetivo, como apresenta Patrícia Dornelles:

Potencializar energias sociais e culturais, **dando vazão à dinâmica própria das comunidades**, entrelaçando ações e suportes dirigidos ao desenvolvimento de uma cultura cooperativa, solidária e transformadora, fomentando assim uma rede horizontal de transformações. (DORNELES, org. SILVA; CALABRE, 2011, p. 230) (grifos meus)

Através de convênios, o programa atendeu a quase 3 mil pontos de cultura distribuídos por todo Brasil, tornando o programa mais abrangente. A autora também salienta que o mesmo possui outras ações que dialogam entre si, e trazendo um elemento importante para o andamento do programa que é gestão em redes, e o investimento nas potencialidades dos locais, gerando assim um contraponto à homogeneização cultural, com isso, as ações dos Pontos de Cultura dialogam com os conceitos de empoderamento, autonomia e protagonismo social. (2011)

Nesta perspectiva, os Pontos de Cultura enquanto linha de ação do Programa Cultura Viva, valoriza de maneira simples cada manifestação cultural existente. E nesse sentido, deve ser visto como espaço de convergência entre poder público e as comunidades, como ressalta César de Mendonça Pereira<sup>17</sup>, no qual destaca que: a ação do Ponto de Cultura não é uma imposição de cima para baixo, ou seja, não é o governo que cria o Ponto de Cultura como um espaço cultural para as comunidades, mas, é através da seleção do edital que as comunidades são reconhecidas como espaços culturais e ganharam recursos financeiros para desenvolver seus planos de trabalho elaborados por cada comunidade.(2011, p.198)

No cenário estadual, no que se refere à política cultural, Carolina Marques, analisa os pontos de cultura da Bahia, e além da análise sobre os pontos, a autora também estagiou na Secretaria de cultura do Estado da Bahia durante um ano, e foi assim seu primeiro contato com os Pontos de Cultura. Desse modo, salienta que a política cultural do estado nos dezesseis anos que antecederam a gestão de Jaques Wagner e do secretário da cultura Márcio Meirelles a cultura era entendida apenas como “belas artes e proteção do

<sup>16</sup> MARQUES, Carolina de Carvalho. Pontos de Cultura da Bahia: uma análise temática sob a luz da diversidade. Salvador, 2009. P.19

<sup>17</sup> Autor do capítulo oitavo - “Política Pública Cultural e Desenvolvimento Local: análise do Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança, em Pernambuco” - do livro Pontos de Cultura.

patrimônio cultural. [...] A política cultural estava restrita a dotar o estado de equipamentos culturais e infraestrutura voltadas à demandas turísticas” (MARQUES, 2009, p.22)

Contudo, a nova política cultural do estado da Bahia rompe com esse discurso da baianidade, como já vimos na dissertação da Claudia Vasconcelos, sobre a identidade baiana. Na monografia da Carolina Marques, a autora evidencia a questão dos governos de Antônio Carlos Magalhães e seu amor pela Bahia e seu usos da bandeira e elementos das culturas afro-brasileiras, bem como evidencia a questão do papel que a TV Bahia (emissora que pertencia a ACM) teve nas divulgações marketing institucional ligadas às culturas do recôncavo e metropolitana. E assim, era apresentada uma baianidade que não representava as diversidades culturais baianas (MARQUES, 2011).

No tocante a gestão do Ponto de Cultura da Bahia, durante os governos do Governador Jaques Wagner e do Secretário de Cultura Márcio Meirelles, que ocupou o cargo a partir de janeiro de 2007 a Secretaria de Cultura do Estado desenvolveu cinco linhas de ações para a realização dos pontos, visto que, cada estado tinha liberdade para executar o programa. São elas:

Diversidade - proteção e promoção da diversidade para que ela se renove e amplie continuamente. Valorização da diferença de ideias, de opção religiosa e sexuais, de matrizes culturais étnicas, de ideologia, saberes e práticas, compreendendo a capacidade de aceitar e conviver com o diferente.

Desenvolvimento - Quanto mais diversa é a produção simbólica de um povo, maior é a possibilidade de escolhas de seus cidadãos. As atividades culturais promovem o desenvolvimento social, político, ambiental dentre outros aspectos, mas é necessário criar um mercado que dê condições de concorrência.

Descentralização - Redistribuir os programas governamentais pelos 26 territórios de identidade. A consolidação do Sistema Estadual de Cultura exerce um papel importante nesta ação através da articulação entre Estado, municípios e organizações da sociedade e outros atores sociais.

Democratização - compreender a cultura como direitos do cidadão criando oportunidades de acesso aos bens culturais e a possibilidade de produzi-los.

Diálogo e Transparência - Às políticas públicas demandam participação e uma relação transparente. A secretaria busca a prática do diálogo com a sociedade que pode ser observada através das Conferências Estaduais de Cultura. (MARQUES, p. 23-24 Disponível >

[> \)](http://www.cultura.ba.gov.br/linhasdeacao)

Assim, a cidade de Baixa Grande através do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do território de Identidade Bacia do Jacuípe promoveram a realização do projeto do Ponto de Cultura “Renovando a Cultura, Cultura se faz”, na área temática de cadeias produtivas, teve início em 2010, entretanto, previamente foi realizado

um mapeamento cultural, contou com a realização de entrevistas com 130 (entre sede e povoados) pessoas de 24 comunidades do município.

O objetivo do mapeamento, segundo o relatório realizado em 2009, era o de descobrir as potencialidades de cada comunidade, principalmente na área de artesanato e de confecções e culinária.

quando a gente ia fazer uma rodada cultura, a gente chamava a liderança, a gente ia na comunidade, marcava um dia, uma tarde, quarta feira de tarde a gente vai lá, ai marcava com a liderança da comunidade, pra gente se reunir com o povo da comunidade, vinha todo mundo que queria né, mas geralmente vai mas quem tá liderando, aí você vai chamar o povo que trabalha com artesanato, com comida, que bota barraca de comida, entendeu, que saiba fazer o doce, que saiba fazer isso aquilo. Aí chegava, num dizia o que que eles tinham que fazer, dizia “a gente precisa fazer uma rodada cultural, vocês querem? Aí eles diziam que queriam né, que dia a gente marca? Tal dia, aí já marcava, já agendava nem que saiba uma data. Aí dizia assim: “é bom que vocês vão ter a oportunidade de mostrar o serviço de vocês, aqui tem o quê? Tem um grupinho que faz teatro, tem um grupinho de dança? Tem um grupinho de capoeira? tem isso tem aquilo? tem mais o que? Aí a gente ia só listando, e na comida aqui , como é que faz? tem alguém que faz uns tobelos<sup>18</sup>, bolo, xibata, um doce de leite, uma cocada, um xarope uma bebida, lá vai, fulano, fulano, ai eles mesmos iam se entregando né, a gente não dizia pra quê, aí no final a gente falava assim: “oh nesse dia é bom vocês produzir isso aqui porque vocês vão botar barraca, não vai ter barraca de fora.(ENTREVISTA CEDIDA POR HELENA RITA DIA 08/09/22)

No relato acima percebemos a preocupação com dois fatores, o primeiro é que antes de se começar as rodadas culturais que era uma das ações previstas do projeto, a preocupação em ouvir a comunidade, em saber os elementos culturais através da própria comunidade, configurando assim, uma ação endógena, o segundo elemento é a preocupação de que os produtos a serem comercializados sejam da própria comunidade, fazendo com que o dinheiro circule na própria comunidade.

O critério foi a proximidade das comunidades, assim, em um mesmo parágrafo temos algumas comunidades juntas. Um elemento que deve ser destacado é quanto às características culturais e de agricultura, não existe grande diferença de uma comunidade para outra.

---

<sup>18</sup> Tobelos e Xibatas, são bolos, o tobelo é feito em forma redonda com a gema e não vai fermento. A xibata é feita com a puba (a puba é uma massa extraída da mandioca através de um processo de “apodrecimento” da raiz) ou com milho e é assanhada em palha de bananeira. Bom lembrar que tanto os nomes como a forma de preparo é característico da minha região. Aqui em Feira de Santana, por exemplo, na feirinha da Estação Nova eles não conhecem por xibata e nem fazem com milho, apenas puba.

As comunidades entrevistadas de Viração e Pagão, têm como base econômica a agricultura e a pecuária, fica localizada a leste de Baixa Grande, detectou-se algumas manifestações culturais como Grupo Capelinha de São João, que conserva ainda o samba e chula a mais de cinco décadas; grupo de mulheres com cantiga de rodas e grupo Fogo ardente (Jovens que mantêm vivo o tradicional forró Pé de Serra), ainda foi possível observar de acordo com o documento de Mapeamento a existência de benzedeiras. No quesito culinária, o mapeamento aponta para existência de uma culinária que ainda cozinha em fogão de lenha, e no artesanato observa-se a utilização do cipó e da palha de licuri. Na comunidade de Viração percebe-se a existência de casarões em estado de deterioração e uma belíssima Igreja que segundo relatos de moradores é a primeira igreja do município de Baixa Grande. O mapeamento realizado destaca as festas em homenagem ao Santo padroeiro<sup>19</sup>

As comunidades de Mandacaru, Piauí e Lagoa do Mandú, ficam situadas a leste de Baixa Grande, a uma distância de aproximadamente 31 km, fazendo limite com o município de Pintadas. A pecuária e a agricultura são as bases econômicas dessas comunidades, assim como é em todo o município. Foi destacado no mapeamento a existência de grupo de samba e chula; teatro, grupo de mulheres com cantiga de rodas e reisado, grupo de cavalgada, sanfoneiro, grupos musicais; aboiador; cantiga de Bandeira, (Traição e Boi roubado) artesanato: confecção cesto, jacá, chapéu olericultura, bordado, crochê, fuxico, pintura em tecido, em pequena escala. Na culinária, cocada, doce de palha de Banana (conhecido como chibata), outro elemento que marca a tradição nessas comunidades são as festas religiosas em homenagem aos santos padroeiros.

As comunidades de Italegre e Tabuleiro, localizadas a 17km da sede do município, estrada oeste do município, sentido a cidade de Mairi-Ba, cultivando principalmente milho, feijão e mandioca. E assim como nas outras comunidades as principais manifestações culturais são: grupo de reisado, samba e chula; grupo de mulheres com cantigas de rodas no artesanato produtos em cipó e palha de licuri, em couro, bordado, crochê, fuxico, pintura em tecido. Na culinária, percebe-se a produção de cocadas, doce de palha de Banana. E os festejos dos santos padroeiros

Nas comunidades de Santana, Recuso, Santa Cecília, Balisa e Quixaba, ficam aproximadamente a uma distância de 15 km da sede do município, ao sul, sentido à cidade

---

<sup>19</sup> informações das comunidades retiradas do mapeamento realizado pelo STTR

de Ipirá-Ba. Também temos predominância nos cultivos de milho, feijão e mandioca, assim como nas demais comunidades citadas, no que se refere à cultura dessas comunidades percebe-se a existência de grupo de reisado samba e chula; grupo de mulheres com cantiga de rodas, Bumba Meu Boi, grupo de capoeira, grupo de teatro e grupo musical, também tem a produção das cocadas, dos doce de palha de banana; os artesanatos em bordados e em palhas e como toda comunidade católica as festas dos padroeiros das comunidades.

A comunidade de Lagoa do Mamão, localizada a 15 km da sede, sentido a cidade de Macajuba, além de cultivar o milho, a mandioca e o feijão, também encontramos os grupos de samba de roda com inculturação no candomblé, seguindo uma tradição de mais de quatro décadas; grupo de mulheres com cantigas de rodas. Tradicional festa de Cosme e Damião e caboclos. Bumba meu Boi com grupo de vaqueiros, Traição e Boi Roubado. Também, temos artesanato em cipó e palha de licuri, bordado, crochê, pintura em tecido, artesanato em barro, comidas típicas e os doces, e as festas religiosas.

(Figura 1- Mapa de Baixa Grande)



Certamente, o Ponto de Cultura Renovando a Cultura; Cultura se Faz, deixou suas marcas na memória da população. O Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

que sempre foi muito atuante na cidade, conseguiu através de parcerias com os comerciantes locais, a prefeitura e escolas, desenvolver o projeto

A cultura sempre estava presente no discurso e no material do ponto de cultura de baixa grande como elemento de transformação. No informativo que circulava na época em que as atividades ainda estavam acontecendo, no informativo, apresenta-se a mensagem do então presidente do Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, na mensagem, destaca:

(...) O projeto visa ainda o resgate da cultura popular e das tradições esquecidas há décadas, renovar com a participação popular e parceria de diversos segmentos da cultura local.

Com o ponto de Cultura, promovemos mudanças na comunidade como: gosto pela apreciação e valorização cultural, aumento da autoestima dos artistas e a constatação de que se pode transformar a própria realidade, sendo assim, temos a certeza que contribuímos para o crescimento social.

O apoio do Estado e do Ministério da Cultura são a mola mestra para a consolidação destas ações e das metas a cada dia. (...)<sup>20</sup>

O informativo, é referente ao primeiro e do segundo ano de execução do projeto (2012), nele, além de apresentar os objetivos, também encontramos fotos das oficinas e demais atividades realizadas pelo ponto de cultura. No informativo, podemos observar a importância para o sindicato de valorizar a cultura local, e como é entendida como elemento de transformação da sociedade.

Essa valorização é possível de ser vista nas diretrizes de ações e nas parcerias, estava previsto a “criação de um calendário cultural do município; fomentar a auto sustentabilidade dos grupos artísticos e culturais do município”. Dentre as parcerias, a prefeitura, através da secretaria de educação e as escolas municipais e estaduais; igrejas (principalmente a católica); a rádio local, as comunidades rurais; as associações e os grupos artísticos.

A igreja católica, por exemplo, foi uma parceira do ponto de cultura, cedendo espaços para a realização das oficinas. A rádio, por exemplo, sempre divulgava as oficinas e o projeto como um todo. Toda a comunidade baixa-grandense de algum modo estava envolvida com o projeto. Tendo em vista principalmente, que o projeto valorizava as diversas culturas existentes no município. Indo desde a valorização das festas religiosas,

---

<sup>20</sup> trecho do documento cedido pelo sindicato

passando pelos grupos de hip-hop que na época existiam, a bandas gospel. Infelizmente, não foi possível fazer um mapeamento preciso ano a ano de quantas oficinas foram realizadas e em quais localidades. Nas conversas com Helena Rita Queiroz, uma das entrevistadas, e na época trabalhava com a coordenação do Ponto de Cultura de Baixa Grande, não recordava sobre essa informação.

Para além das oficinas, era realizada a semana de arte e cultura, que tinha como objetivo proporcionar à comunidade baixa-grandense “um espaço onde pudessem atuar como protagonistas, descobrindo e desenvolvendo potencialidades, formando consciência cidadã, fortalecendo vínculos comunitários, dando oportunidade de integração, inclusão e desenvolvimento das potencialidades artísticas e culturais visando melhora qualidade de vida, mostrando como a cultura é fundamental na vida do ser humano.”

## **2.1 As Rodadas Culturais**

O Sindicato também realizou eventos chamados de rodadas culturais, esses eventos foram realizados durante os mapeamentos nas comunidades e durante a execução do projeto. As rodadas culturais tinham como objetivo, de acordo com os documentos cedidos pelo sttr, “Nuclear o município na área de produção cultural; Integração da área cultural do município Promover intercâmbio entre as diversidades culturais. Selecionar os monitores de cada núcleo Acompanhar através dos coordenadores de cada núcleo as atividades culturais”.

As rodadas Culturais, durante a execução do projeto, eram momentos em que as comunidades mostravam para as pessoas nos municípios suas comidas, suas tradições, sua gente. Eram momentos de interações, destaco aqui um trecho da entrevista com Helena Rita Queiroz em que ela destaca um elemento que considero importante nas reflexões:

(...) Na época dessas rodadas culturais também, que falei anteriormente, o pessoal da cidade, já era... virou atração, então a gente fazia um a cada mês, ou dois. cada mês a gente fazia dois. Então o pessoal da sede ir no domingo e sabia que a atração era na comunidade, então as comunidades já caprichavam no cardápio lá, e a comilança era boa, virou fonte de renda também, muita gente começou a dizer que ganhava um dinheirinho com as rodadas culturais.  
 (...) entrevista cedida dia 08/09/22



**IMAGEM 1** Rodada cultural realizada em 2012 no povoado de Lagoa do Cipó, apresentação do bumba meu boi. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe)



**IMAGEM 2** Apresentação de Reisado na Rodada Cultural de Lagoa do Cipó, em 2012. Fonte Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 3** Imagem dos artesanatos em palha produzidos pela comunidade de Lagoa do Cipó. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe)



**IMAGEM 4** Apresentação de capoeira do grupo Negro Fujão na Rodada Cultural de Lagoa do Cipó, 2012. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 5** Imagem dos moradores de Lagoa do Cipó “plantando” a árvore que havia sido derrubada e enfeitada anteriormente. Todas as imagens acimas foram retirada do site Portal Bacia do Jacuípe (<https://www.baciadojacuipe.com.br/2012/05/03/stt-baixa-grande-homenageia-tradicoes-pioneiras-em-lagoa-do-cipo-foi-relembra-em-eventos-do-dia-dos-trabalhadores/> )



**IMAGEM 6** Imagem dos 7 meninos recebendo caruru na Rodada Cultural da Comunidade de Lagoa Queimada em 2012. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 7** Imagem de comidas típicas da comunidade de Lagoa Queimada, doces, cocadas xibatas, vendida na Rodada Cultura em 2012. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 8** Imagem de grupo de mulheres cantando cantigas de rodas na Rodada Cultura de Lagoa Queimada em 2012. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 9** Imagem de grupo de homens cantando a cantiga da Bandeira na Rodada Cultural de Lagoa Queimada, em 2012. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 10** Imagem da barraca com doces e bebidas vendidos na Rodada Cultural da Lagoa Queimada, 2012. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 11** Imagem dos artesanatos produzidos pelas moradoras da comunidade de Lagoa Queimada e expostos na Rodada Cultural, 2012. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe. Todas as imagens estão disponível no site > <https://www.baciadojacuipe.com.br/2012/05/28/baixa-grande-rodada-cultural-do-ponto-de-cultura-em-lagoa-queimada/>

As imagens acima são de uma rodada cultural realizada no Povoado da Lagoa do Cipó, e Lagoa Queimada, nelas podemos ver um pouco da culinária,(cocadas de licuri, bolo de puba na palha de bananeira que chamamos de xibata) das tradições culturais,(como o bumba meu boi; caruru de São Cosme e Damião; Cantar a Bandeira) e do artesanato em palha, a derrubada da árvore, (a derrubada da árvore é tradição em algumas comunidades do município e se configura em derrubar uma árvore de pequeno porte durante os festejos juninos e amarrar alguns brinquedos e doces e enterrar, depois se derruba para pegar os doces e brinquedos que foram amarradas a ela.

A Rodada Cultura de Lagoa do Cipó foi realizada no Dia do Trabalhador e contou com várias apresentações, desde o bumba meu boi, quebra pote a apresentação de capoeira. Também é possível relacionar através das fotos com um trecho da entrevista em que a coordenadora do Ponto fala um pouco de como era a organização das Rodadas nas comunidades, de como as comunidades se organizam o local, bem como na produção das comidas e dos artesanatos que eram vendidos no dia pelos moradores daquelas comunidades. Em outubro de 2014, de acordo com a reportagem do site Portal bacia do Jacuípe, foi realizada no mês de outubro uma oficina de flauta na comunidade da Lagoa do Cipó

O site Portal Bacia do Jacuípe fez uma reportagem sobre o evento, este é um site local que sempre manteve parceria com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Baixa Grande, a reportagem é do dia 03 de maio de 2012 e conta com várias fotos e descrição das atividades realizadas neste dia.

Nas imagens, podemos ver um pouco do que foi as rodadas, momento de interação entre as pessoas da comunidade, mas também com outras comunidades, gerando assim um intercâmbio de saberes. Nas rodadas, cada local produzia o que era de mais típico de sua localidade, desde de comidas e artesanato, a manifestações culturais, e a partir de cada potencialidade da comunidade eram implantadas oficinas. Mas é importante destacar que nem todas as apresentações das rodadas culturais eram somente da comunidade que sediava a rodada.

## **2.2 As Semanas de Arte e Cultura**

Outro evento produzido pelo ponto de cultura era a semana de arte e cultura. Ao todo, foram realizadas três edições da Semana de Arte e Cultura, nas semanas de arte e cultura eram promovidas oficinas, mostra de teatro e de música, arrastão cultural e outros eventos que mobilizaram a sociedade baixa-grandense, importante frisar que as Semanas de Arte e Cultura eram promovidas na sede do município.

Sem dúvidas, o site Portal Bacia do Jacuípe cumpriu um papel fundamental na divulgação das ações do STTR não só com relação ao ponto de cultura, mas nesse caso, principalmente sobre o Ponto de Cultura, e ao fazer a divulgação, nos deixa uma riquíssima fonte de pesquisa, principalmente, imagética.



**IMAGEM 12** Imagem da apresentação do grupo de hip-hop na Segunda Semana de Arte e Cultura. 2011



**IMAGEM 13** Imagem do grupo de Teatro na Segunda Semana de Arte e Cultura realizada em 2011. Todas as imagens estão disponíveis no site Portal Bacia do Jacuípe

Na terceira edição, realizada dos dias 13 a 15 de novembro de 2014, o site Portal Bacia do Jacuípe<sup>21</sup> noticiou a realização da semana, na primeira reportagem da terceira edição o site comenta sobre a realização de oficinas sobre Cultura digital e o hábito da leitura, e a noite ainda do dia 13 houve apresentação dos alunos das oficinas de violão e de flauta, assim como apresentação de teatro do grupo das cidades de Pé de Serra e Pintadas. E avisa sobre as atividades da semana, noticiando que irá acontecer o arrastão cultural e que o último dia será marcado pela presença dos sambadores tanto do município como da cidade vizinha.

A programação da 3ª Semana contou com seminário sobre o tema: Políticas Públicas para a cultura em Baixa Grande; apresentação do grupo de Capoeira; apresentações musicais com artistas da terra e a participação especial da cantora Rafaela Melo. Além de apresentação de teatro, e arrastão cultural com a fanfarra, oficina de inclusão digital, pintura e capoeiras apresentações dos grupos de reisados e sambadores, e ainda contava com a realização da Feira da Economia Solidária.

---

<sup>21</sup>disponível em: <https://www.baciadojacuipe.com.br/2014/11/14/iniciada-a-3a-semana-de-artes-e-cultura-de-baixa-grande/>



**IMAGEM 14** Imagens da apresentação musical de artistas baixa-grandenses durante a Terceira Semana de Arte e Cultura realizada em 2014. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 15** Imagem da apresentação da cantora Rafaela Mello na última noite da Terceira Semana de Arte e Cultura de Baixa Grande em 2014. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 16** Imagem do público na última noite da Terceira Semana de Arte e Cultura de Baixa Grande, 2014. Fonte Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 17** Imagem do arrastão cultural na feira livre de Baixa Grande na Terceira Semana de Arte e Cultura. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe

Nas imagens<sup>22</sup> anteriores vimos tanto o cartaz de divulgação da semana de arte e cultura como algumas das apresentações, apesar de só ter sido realizadas três edições, nos anos de 2009, 2011 e 2014, era algo que movimentava a sociedade baixa-grandense para além das atividades que já eram realizadas cotidianamente no Ponto.

### 2.3 Os Festivais de Quadrilhas

Para além dessas atividades o Ponto de Cultura de Baixa Grande também realizou festival de quadrilha, o primeiro foi realizado em 22 de junho de 2011 e se tornou tradição

---

<sup>22</sup> disponível em: <https://www.baciadojacuipe.com.br/2014/10/24/ponto-de-cultura-anuncia-a-iii-semana-de-arte-e-cultura-em-baixa-grande/>

da cidade, mesmo depois que o projeto finalizou o STTR realizava o festival em parceria com a prefeitura, atualmente, as últimas edições vinham sendo realizadas pela prefeitura. E como de costume, o site PBJ - Portal Bacia do Jacuípe fez uma reportagem sobre o festival, em junho de 2011, segue um trecho da reportagem:

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Baixa Grande através do Ponto de Cultura, Renovando a Cultura, Cultura se faz, realizou na noite de quarta-feira, 22 de junho, o Primeiro Festival, participou do festival, a Quadrilha do Povoado de Viração, Quadrilha do Povoado de Mandacaru, Povoado de Lagoa do mamão e na da Sede, da Escola Lídia Peixoto Santana. O evento contou com a participação especial da quadrilha Vai, Vai sai da Frente. Quem compareceu a praça Manoel Ribeiro Soares, pode prestigiar, belíssima apresentação e ainda pode curtir muito forró, com Bêlo e Mirailton, que abriu a segunda parte da festividade com muito Forró Pé de Serra, logo após o público caiu no forró ao som da Banda Misturaê, uma belíssima apresentação, um destaque para o cantor Jorge, que encantou o público, cantando em seu repertório, um autêntico Forró Pé de Serra.<sup>23</sup>



**IMAGEM 18** Imagem dos coordenadores do Ponto de Cultura entregando os prêmios para os grupos vencedores do Festival de Quadrilha. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe

---

<sup>23</sup> trecho da reportagem sobre o festival de quadrilha vinculado no site PBJ, disponível em:> <https://www.baciadojacuipe.com.br/2011/06/23/sttr-baixa-grande-realiza-o-i-festival-de-quadrilha/>



**IMAGEM 19** Apresentação dos grupos de Quadrilha mirim. As fotos acima foram retiradas do site PBJ na reportagem sobre o festival<sup>24</sup>

O festival foi uma das atividades que tomou uma proporção maior do que a do Ponto de Cultura, mobilizou as comunidades para a competição e a evolução de cada edição era notória, com a finalização do projeto o STTR ainda realizou algumas edições e depois ficou a cargo da prefeitura em parceria com o STTR. A seguir, imagens do 5º festival de Quadrilha, ainda sob a realização do Ponto cujo tema foi sobre a Água.



**IMAGEM 20** Imagem do Banner do V Festival de Quadrilha, cujo tema foi a Água. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe

<sup>24</sup> <https://www.baciadojacuipe.com.br/2011/06/23/sttr-baixa-grande-realiza-o-i-festival-de-quadrilha/>



**IMAGEM 21** Imagens da apresentação de um dos grupos no festival. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 22** Imagem da apresentação de mais um grupo e banner com o tema do festival de quadrilha.

Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 23** Imagem da apresentação de mais um grupo no festival. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 24** Imagem de meninas com estandarte. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe

Nas imagens podemos ver que a evolução se deu desde o local das apresentações até ao figurino dos participantes e coreografias. Nesta edição foram dois grupos infantis na disputa e quatro juvenis e teve a participação especial da quadrilha Junina Vai Vai, Sai da Frente, a Vai Vai surgiu a partir do grupo jovem da Pastoral da Juventude de Meio Popular - PJMP da paróquia e alguns integrantes também faziam parte do grupo de teatro Os Legais.

## 2.4 As Oficinas

Das várias atividades desenvolvidas pelo Ponto de Cultura de Baixa Grande, as oficinas sem dúvidas foram as que mais estavam presente no cotidiano das pessoas, foram várias oficinas e em várias comunidades rurais e na sede, na última edição do projeto em 2015 foram realizadas cinco oficinas. Numa parte da entrevista com a coordenadora ela ressalta sobre as oficinas:

(...) essas atividades elas eram inúmeras, se dava através de oficinas, por exemplo, oficina de capoeira, oficina de música, se expandia também para oficina de hip-hop, que era a oficina de dança; oficina de inclusão digital; costura; crochê; tricô, então a gente tinha diversidade de oficinas, com grupos diferentes, o nosso objetivo era atender o público mais vulnerável que era as pessoas da periferia da cidade, e da zona rural e exclusivos os filhos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, e com isso a gente conseguiu alcançar um objetivo muito bom, porque hoje tem muitas pessoas que aprendem nessas áreas e diz que foi por ter participado dessas oficinas, inclusive a de inclusão digital, que quando a gente começou foi a era de que o computador tava chegando nas escolas e as crianças não sabiam do que se travava, não tinha celular então elas, as crianças os jovens e adultos também que quiseram se ingressar no meio digital, elas foram o pontapé inicial, primeiro contato que elas tiveram com o mouse, com o computador, com o mundo digital, com a internet, então pra elas foi muito valiosa essa situação aí. (...) (Trecho da entrevista cedida dia 27/02/2022)

Foram várias oficinas durante o período de execução do Ponto, alguns anos eram oferecidas mais oficinas e em outras menos, a duração era por volta de alguns poucos meses, eu participei de duas delas, a de inclusão digital que era realizada na sede e a de capoeira no povoado de Mandacaru, além da de capoeira o povoado também recebeu a de pintura. Ressalto um trecho da reportagem feita em 2015 e algumas imagens:

Na Comunidade de Km 4 um grupo de vinte mulheres participaram da oficina de Pintura em Tecido com a monitora Sidnei Pessoa; Na sede do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais funcionavam três oficinas um grupo de 7 mulheres participaram da Oficina de Corte e Costura com a monitora Iranilde Leite , dezoito adulto e jovens participaram da oficina de Inclusão Digital com o monitor Alex Pereira, oito jovens da oficina de música (violão) com o monitor Edson Lima e no Povoado de Tabuleiro dezoito jovens e adolescentes participaram da oficina de Música (flauta doce) com o monitor Fredson Santana.

O dia da Solenidade de entrega de certificado fica a critério do grupo como vai organizar, a comunidade de KM 4 organizou uma amiga secreta entre as participantes, já os grupos de música organizaram no povoado de Tabuleiro uma tarde musical para a comunidade e o grupo de Inclusão Digital e Corte e Costura exposição de peças confeccionadas durante a oficina de Corte e Costura. Além do aprendizado, os grupos tornam amigos entre os participantes e monitores<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Trecho da reportagem do site Portal Bacia do Jacuípe sobre as oficinas. Disponível em: <https://www.baciadojacuipe.com.br/2015/04/25/ponto-de-cultura-realiza-entrega-de-72-certificados-a-cinco-oficinas-no-mes-de-abril/>



**IMAGEM 25** Imagem da entrega dos certificados em abril de 2015 de uma das oficinas de corte e costura, em 2015. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 26** Imagens da oficina de pintura, na sede da cidade. Fonte. Portal Bacia do Jacuípe)



**IMAGEM 27** Imagem de uma das turmas da oficina de capoeira. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 28** Imagem do grupo de mulheres da oficina de Pintura. Fonte: Portal Bacia do Jacuípe



**IMAGEM 29** Imagem das peças produzidas pelas participantes das oficinas na entrega de certificados.

Fonte Portal Bacia do Jacuípe

Cada oficina impactou de maneira diferente, pessoas e gerações diferentes. Inserindo as fotos tanto das oficinas como das demais atividades me lembro de como foi fazer parte do projeto, a oficina de inclusão digital, por exemplo, me lembro que era bem nova e não tinha acesso ao computador fora dali, e devido à distância recordo de não conseguir participar de todas as aulas. As de capoeira, foram muito boas, pois já tinha feito anteriormente, e então não era novidade pra mim, e as pessoas que faziam aulas foram quase as mesmas que já faziam também, assim era mais fácil a interação, me recordo que fizemos uma apresentação no povoado durante uma das Rodadas culturais que aconteceu.

Acredito que o Ponto de Cultura de Baixa Grande teve grande impacto na vida dos baixa-grandenses de maneira geral. Desse modo, destaco um trecho de uma entrevista realizada com Helena Rita, a coordenadora do Ponto de Cultura, quanto ao impacto do Ponto na vida das pessoas de Baixa Grande:

Conseguia sim, e era notório, na época, eu me lembro que pra fazer a ficha dos alunos a gente precisava dos documentos e de início a gente logo pedia o cpf e a gente notava como, também falei anteriormente, o objetivo era atender a comunidade mais vulnerável, que era a periferia e os filhos de trabalhadoras rurais, agricultores rurais, na zona rural e aí a gente observava que eles não tinham documento, apenas tinha certidão de nascimento, com isso, a gente incentivava esses jovens, esses adolescentes a fazerem seus documentos e foram muitos na época se dirigir para fazer documento, eles achavam que não precisava por ser criança, adolescente que não precisava documento e a gente induzia, que eles continuasse... Dizia que exigia, mas tem um fato que me marcou muito, muito mesmo, um jovem negro da periferia que morava bem perto do sindicato, ele não tinha nenhum documento, a não ser uma certidão de nascimento antiga, rasgada a e ai, nem por isso a gente deixou de atender ele, a gente atendeu ele todo o tempo. E eu pude observar que ele não tinha reconhecimento da paternidade. O pai dele, quando tava já no trâmite de fazer o reconhecimento da paternidade morreu, então o caso foi parar na justiça, e ele esperava ansioso que o caso saísse logo, que logo houvesse a sentença, pra que ele fosse registrado com nome de pai, pra que ele tirasse o RG dele, e aquilo me marcava muito, muito mesmo, eu era muito. e quando as pessoas ao meu redor os meus superiores reclamam que aquele cadastro não tinha RG, não Tinha CPF, eu entrava com tudo pra defender, porque eu sabia que aquela realidade não era porque ele queria era porque ele não queria tirar um RG, um CPF sem o nome do pai, porque tudo tava a caminho, como a justiça é muito lenta, tava demorando muito, mas ele participava da oficina de teatro, de capoeira, a gente nunca proibiu ele, e esse jovem ele ingressou.. ele concluiu o ensino médio, na época ele tava fundamental, se não me engano o 2, depois ele fez o ensino médio e logo passou no vestibular e pelo que eu sei ele tá concludo esse ano na uefs. Uma disciplina de Humanas, não lembro exatamente qual é<sup>26</sup>.

O trecho que destaquei, pra mim, é muito simbólico de como o projeto era também uma forma de dar um pouco de visibilidade e dignidade a essas pessoas. Não só pela questão da valorização da cultura, mas da pessoa, neste caso citado, estamos falando de um jovem, negro, da periferia da cidade. Noutro trecho da entrevista no que se refere ao impacto do projeto e as mudanças por assim dizer destaco o seguinte:

---

<sup>26</sup> trecho da entrevista cedida dia 27/02/2022

O samba foi uma das maiores mudanças que existiu, porque começou a surgir grupos de sambadores de Vista Alegre, que até hoje... por conta da pandemia, eles não tão atuando. Começou a surgir vários grupos de sambadores, e serem chamados que antes não eram, para apresentações, tipo, festa da padroeira, no repertório cultural após a celebração na matriz, cada noite tem um grupo cultural e os sambadores não faziam parte desse repertório eles começaram a ser chamado, então começou a se criar a noite do samba na quermesse da festa da padroeira, então, ultimamente nos 2 anos tem se esfriado um pouco por conta da pandemia, mas sabe que quando voltar as coisas, pelo menos nos que a gente acha normal que vão voltar, porque eles estão com muita vontade, eu fico observando que quando se encontram só falam de samba e pelo menos não são ignorado como antes, porque ele via que tinha um projeto que dava valor, que valorizava e que entrava em defesa deles, eles vinham ... de início eram meio tímidos mas depois começaram a ir sem nenhum timidez. Isso foi gerando também nas comunidades, inclusive em associações fazer uma tarde de samba, pra conseguir tipo, fazer um churrasco, uma feijoada benéfica, chama um grupo de sambador e faz aquela festa lá, e vende lá o produto que quer vender, a feijoada ou churrasco sei lá o que, pra fazer uma beneficiação na comunidade, de uma construção de algo na associação, na igreja, então isso se tornou legal, porque antes tinha que fazer o que? tinha que fazer um bingo. E depois a gente ver que faz um samba cultural, leva a cultura pra comunidade e ainda faz um beneficiamento que a comunidade gostaria que fizesse com vista, o pessoal visita bastante.

Ainda no que pra mim aponta sobre o impacto no campo simbólico do projeto, em entrevista com um dos sambadores do povoado de Viração seu Sival de Jesus, quando perguntei sobre o Ponto de Cultura, se ele lembrava ele me diz o seguinte:

Então, é o que eu repito e digo. O ponto da cultura é isso, é fácil de se entender, é porque queremos mais hoje, o governo não quer que acabemos com isso. Esse é o ponto cultural, velho que já vem do tempo dos antigos, dos nossos pais, dos nossos avós. Por isso o governo *deu fé* disso, é panela de barro, é cesto de cipó, a gente carrega tudo, naquele tempo na cabeça, era arupemba de cessar, era peneira de peneirar massa, nas casas de farinha, era o puxa da roda, canto de batuque em puxa a roda. E por essa forma é que a gente aprendeu. E acho que como a gente aprendeu, a gente tá aqui para ensinar qualquer um, e que nasceu ontem ou que nasça hoje, que ele vai entender o que é o Ponto de Cultura. E na verdade, pra dizer assim, que hoje vai ter festa na sua casa, é obrigado que eu chegue primeiramente, Deus primeiro, se quem não sabe cantar Reis, deveria aprender a cantar Reis. Que é a primeira música do nosso ponto cultural é Santo Reis.<sup>27</sup>

No trecho da fala de seu Sival, há alguns elementos que me chamam atenção, primeiro, é a ideia do projeto do Ponto de Cultura ligada à cultura do samba, quando ele se refere ao “ponto cultural”, em sua maioria eram as rodadas culturais que aconteciam nas comunidades e que sempre tinha uma roda de samba e cantigas de rodas. Outro elemento é com relação ao “governo *deu fé*”, “o governo não quer que acabe”, isso

---

<sup>27</sup> Entrevista cedida dia 13/09/2022

demonstra a consciência do caráter governamental do projeto, e ao mesmo tempo, de alguma forma a essa cultura que é tão própria da comunidade fossem enfim, vista.

Outro elemento que gostaria de evidenciar é com relação ao projeto “Renasce Viração” em 2011 que foi financiado pelo Banco do Nordeste, e com isso contextualizar seu Sival, homem negro, sambador, morador do povoado de Viração, e que durante a vigência do projeto “Renasce Viração” foi convidado a ensinar aos alunos da oficina de música (violão), ensinar elementos do samba, isto é, como se bate a palma, como se toca a viola, tudo isso com o objetivo de aproximar mais os jovens do samba. Por vezes, o projeto “renasce Viração” é confundido com o Ponto de Cultura, em trechos da fala de seu Sival aparece o dia da culminância do projeto, que foi feito um Reis no dia 6 de janeiro, no povoado, e contou com apresentações de samba e de cantiga de roda.

Realizei uma entrevista com um jovem baixa-grandense, formado em História pela UEFS e sambador. Washington Araújo me fala que sua relação com o samba é desde sua infância:

A minha relação com o samba vem de família, porque o samba é uma coisa que acontece há muitos anos aqui na região, através da cultura do pessoal mais antigo, e na família da parte da minha mãe isso é muito recorrente desde o tempo da minha bisavó, que na casa da minha bisavó tinha samba de roda, tinha todos os anos, e eu ainda conheci ela, quando eu tinha na faixa de uns 7 pra 8 anos eu conheci ela, e minha vó e minha mãe sempre me levava pra ir lá na casa dela quando tinha festas de samba e com isso eu comecei passar a gostar né, por eu ter sido criado com meus avós, eu peguei esse gosto pelo samba eles sempre amantes do samba, eles não são sambadores, não cantam, mas, participam, são apoiadores, dançam e tudo mais (...)<sup>28</sup>

Tá no sangue, esse poderia ser o resumo da fala acima, e destaquei-a, justamente, por considerar importante ressaltar esse elemento ancestral, mesmo, Washington dizendo que seus avós não eram sambadores, e sim, apoiadores, ele se tornou um sambador, e destaca a questão do projeto Ponto de Cultura como uma "influência" para tal, desse modo gostaria de destacar outro trecho de sua fala.

Eu vejo esse projeto como uma iniciativa positiva, pra comunidade, pra cultura em geral, porque a gente tá falando aqui do samba, mas, o projeto eu me lembro que englobava diversas manifestações culturais do município, desde as músicas mais clássicas, ao forró, ao pagode, tudo que tinha de atividade cultural aqui, eu me lembro que eles abrangia tudo isso ai, eu vejo como um projeto positivo, porque incentiva, a cultura, eles trazem um apoio de certa forma, de valorizar o artista, porque eles presentearam o artista com instrumentos, com fardamento, porque de certa forma, pra nós seja uma coisa

---

<sup>28</sup> Entrevista cedida dia 10/08/2022

supérflua, mas pra eles que tão ali, que nunca tiveram esse reconhecimento é uma coisa muito importante, então eu vejo como uma coisa positiva, (...) agora a questão que eu vejo como negativo é o que eu falei, depois que esse projeto finaliza, tipo assim veio uma verba, vamos se dizer assim, pra fazer aquilo ali naquele período depois que finaliza, fica assim... eles não...é como se planto a semente, quando a semente nasce que cresce o pessoal vai lá e poda e não dá continuidade, não busca, não puxa os frutos. Talvez tenha tido fruto, por exemplo, como eu participei de algumas rodadas culturais e até hoje eu tô participando, talvez eu seja um fruto desses projetos aí, mas a minha crítica é nesse sentido, de que depois que passa o período que o projeto finaliza, chega aos seus objetivos, o pessoal da comunidade, o pessoal da comunidade em geral, os representantes, não dão continuidade para que isso aí seja uma coisa permanente.

Poderia destacar vários trechos não só da fala de Washington, mas como a de seu Sival, que percebo essa relação que esses projetos tiveram na vida dos baixa-grandense, e mesmo que vários objetivos desses projetos não tenham sido alcançados, como por exemplo com relação ao Ponto de Cultura, *a construção de um espaço para comercializar os produtos produzidos pelos agricultores*. Entretanto, acredito que contribuíram bastante para a valorização da cultura local, principalmente no campo simbólico.

Considero importante, chamar atenção para o fato de que a maioria das comunidades que estiveram envolvidas de alguma maneira com as atividades desenvolvidas pelo Ponto de Cultura de Baixa Grande são comunidades rurais e majoritariamente negras. Portanto, defini-las apenas como comunidades rurais seria um erro, suas subjetividades assim como as identidades são complexas, e porque não dizer, transitórias. Não obstante, não posso deixar de evidenciar a fala da coordenadora do projeto, a qual destaca que nas atividades de diagnóstico observou a recorrência do samba nas comunidades entrevistadas:

E uma das potencialidades que a gente observou foi o samba, em todas as comunidades por onde o Ponto de Cultura passou, porque quando a gente chegava pra levantar o que tinha de cultura a primeira fala das pessoas é dizer que tinha um grupo de sambador.

A fala acima, pra mim, é um indício pertinente da identidade plural dessas comunidades, e ao mesmo tempo, me faz refletir sobre a questão que permeia meus pensamentos de olhar esses projetos também de modo antirracista, de pensar essas ações também como “movimento negro”, por mais que não estivesse explícito no discurso. Mas, pensando o movimento negro como destaca Joel Rufino, de forma abrange, que passa por entidades religiosas, culturais, que são promovidas e promovida por pessoas pretas. Ou

outra definição que gosto muito feita por meu amigo e historiador Diego Bispo ao falar sobre sua pesquisa o afoxé Pomba de Malê, em Feira de Santana, na Rua Nova, “quando negros se movimenta, é movimento negro”.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Neste trabalho, meu objetivo é falar sobre um lugar e principalmente, pessoas que fazem parte da minha existência, alguns de forma direta, outros nem tanto. Minha comunidade, Fazenda Piauí, minha cidade, Baixa Grande, a quem me possibilitou fazer um curso de nível superior através das residências estudantil. O Ponto de Cultura Renovando a Cultura, Cultura se faz, no qual tive a oportunidade de participar de duas oficinas, marca um momento, ao meu ver, muito importante, na história da cidade e das comunidades, com suas oficinas, seus festivais de quadrilha, suas rodadas culturais, tudo isso, nos faz olhar-nos para nós mesmo.

Por isso, gera impacto, olhar-nos para nós mesmos como atrações principais, como destaque, isso gera impacto. Ter a possibilidade de aprender artesanato na palha, ou fazer uma determinada comida, ou roupa e poder vender, aos amigos, vizinhos, familiares, isso gera impacto. Se ver nos palcos abrindo noites de rodadas culturais, não tem como não gerar impacto para essas pessoas. É certo que, o projeto tinha objetivos maiores, como por exemplo construir locais para se comercializar os produtos feitos a partir do projeto e infelizmente não foi possível concretizar, mas, nas conversas com alguns sambadores e pessoas no dia-a-dia que participaram de algumas atividades, o Ponto de Cultura é sempre lembrado com sorriso nos lábios e nos olhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. *História* (São Paulo), v. 30, p. 401-419, 2011
- GONZALEZ, Lélia. In: Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaio, intervenções e diálogos. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** 115-116
- MARQUES, Carolina de Carvalho. Pontos de Cultura da Bahia: uma análise temática sob a luz da diversidade. Salvador, 2009
- SILVA, Frederico Augusto Barbosa da Organizador; CALABRE, Lia Organizador. Pontos de Cultura: olhares sobre o programa cultura viva. 2011
- VASCONCELOS, Cláudia Pereira. Ser-Tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da Identidade Baiana. 2007.